

Óscar Lopes: 46 anos de docência no activo

APOSENTAÇÃO (AOS 70 ANOS) ERGUE ONDA DE HOMENAGENS

Por ARSÉNIO MOTA (textos) e FERNANDO TIMÓTEO (fotos)

O prof. Óscar Lopes vem erguendo desde 1940 um labor infatigável em diversos domínios. Abarcam o ensaísmo, a crítica literária, o estudo histórico-filosófico e a investigação linguística, domínio este em que deixou assinaladas explorações pioneiras. Mas a obra do escritor e do investigador, multimoda, tem acompanhado a do professor universitário. Aquela obra vai prosseguir agora, tudo o indica, com redobrado vigor, enquanto esta chega ao seu termo, pois Óscar Lopes, prestes a completar os 70 anos de idade, está à beira da aposentação.

Remate de uma carreira longa de 46 anos, a festa que amanhã terá no seu centro o professor catedrático de Linguística da Faculdade de Letras do Porto traz consigo já um aceno de despedida. Óscar Lopes, figura

de relevo nacional em que se destacam valores extraordinários de rigor e coerência feitos sobretudo de exigência consigo mesmo e de tolerância com os demais, está por isso a ser objecto de sucessivas homenagens,

que se têm multiplicado no país.

Fundador do Centro de Linguística na «sua» Faculdade (1976), Óscar Lopes orientou ali uma linha de investigações sobre problemas sintáctico-semânticos do português, depois de estabelecer uma aproximação entre a matemática e o ensino da nossa língua materna. Aprofundou os seus estudos aplicando-os à gramática, à música e à própria avaliação das possibilidades de uma tradução automática de línguas europeias.

Investigações inovadoras colocaram o nosso país a par e talvez à frente, em determinados pontos, de trabalhos similares que desenvolviam investigadores estrangeiros, ainda melhor do-

tos de condições e meios operativos. Um corolário dessas investigações corporou-se na forma da concepção de Óscar Lopes que relaciona em síntese o humanismo com a linguística.

Este esforço notável, persistente e profícuo, do autor da «Gramática simbólica do português» (1971) está agora em foco, em associação com o trabalho da docência nos ensinos secundário e superior. Vão focá-lo, por exemplo, os linguistas da própria Faculdade de Letras portuguesa, que têm marcado para os dias 4 e 5 de Junho próximo um encontro promovido pela associação e professores de linguística, precisamente para se debruçarem sobre os estudos neste campo realizados pelo autor de «Ler e depois» (1969).

Tudo isso, porém, que é de proporção invulgar, não pode deixar na sombra o conjunto da obra concretizada por Óscar Lopes, por outro lado presidente da Associação Portuguesa de Escritores.

Pequeno de estatura mas hercúleo, modesto mas extraordinariamente sagaz e eficaz, Óscar Lopes publicou o seu primeiro livro em 1940 («Lições elementares de literatura portuguesa»), quando ensinava no liceu de Vila Real. Foi em co-autoria, pormenor marcante porque se repetiriam em parceria e as colaborações em livros de autoria colectiva enquanto foi erguendo a sua obra vasta e prestigiosa. Mas não o esqueçamos, essa obra já plasmada no

recheio de uma estante corre paralela, também, à obra do animador cultural, do cidadão participante e lutador antifascista que o autor sempre foi.

O abandono da docência, por limite de idade, não vai entretanto paralisar as «mãos e o espírito» deste intelectual e político que não costuma esconder as suas crenças e que não pretende impô-las à força. A sua acção vai continuar e, por certo, intensificar-se à margem da docência. Nem menos é de esperar, tendo em vista que Óscar Lopes tem neste momento três obras no prelo, pelo menos. Ele merece, evidentemente, as melhores homenagens que o país lhe preste para que o país melhor se engrandeça.

DE FESTA E «DESPEDIDA» AMANHÃ NA FACULDADE

• Última lição fica adlada para Outubro

A última lição, a tradicional lição de «despedida» da cátedra de Óscar Lopes na Faculdade de Letras portuguesa, fica adlada para 2 de Outubro, data em que atinge o chamado limite de idade, ou, em alternativa, para meados do mesmo mês.

Amanhã haverá naquela Faculdade uma sessão de homenagem ao prof. Óscar Lopes, a partir das 17 horas, quando será apresentado o seu livro «Entre Fialho e Nemésio», com cerca de 300 páginas, e inaugurada uma exposição bibliográfica, para além da entrega de um prémio literário com o nome do homenageado.

Estas iniciativas, da Associação de Estudantes da FLUP, terão a presença anunciada do presidente da República e do escritor Eduardo Lourenço, entre outros convidados.

O júri do «Prémio de Poesia Óscar Lopes» (Américo Santos, Arnaldo Sáeziva, Fernando Guimarães, Luís Adriano Carlos e Vera Vouga) decidiu galardoar o livro «Percurso do método», de José Jorge Letria, que será publicado pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

O mesmo júri decidiu ainda recomendar para publicação os livros «Tele-Tele», de Pedro Miguel Almeida Ribeiro, e «Amor inacabado», de Paulo Teixeira.

O «Prémio de poesia Óscar Lopes», no valor de cem contos, tem o patrocínio da Fundação Eng. António de Almeida.

Entretanto, o prof. Óscar Lopes vai prosseguir o seu trabalho de investigação no âmbito do Centro de Linguística, até ao início do próximo ano lectivo, enquanto intervém em mais algumas provas de doutoramento, adiando assim a sua lição de «despedida».

O próprio docente universitário esclarece para o JN os seus motivos:

«Actualmente proponho a adiar a última lição para Outubro, para não mistu-

rar aspectos muito diversos da minha actividade. Toda a gente sabe que eu tenho uma determinada posição política. Estamos a entrar numa campanha eleitoral e, naturalmente, eu terei que empenhar-me nessa campanha. Ora, não gostaria de que fosse confundida a minha posição de investigador, a minha carreira universitária com a minha posição política. É claro que há ligações entre estas coisas, mas essas ligações não são imediatas. São muito indirectas e eu gostaria de as separar».

Em remate: «É provável que me incline para a última lição formal em Outubro, depois de passada a campanha eleitoral».

Para Óscar Lopes, a última lição será «o sumário de uma vida de intelectual, uma vida de investigação». Mais explicitadamente:

«Eu, no fundo, gostaria de fazer qualquer coisa parecida com aquilo que estou a tratar aqui com o amigo, quer dizer, de dar uma ideia de como certos interesses me despertaram, de que maneira esses interesses amadureceram e se modificaram com a experiência, quais as perspectivas a que provisoriamente cheguei (todas as perspectivas científicas e até todas as perspectivas humanas são provisórias) e quais os sentidos dos que me parecem mais fecundos dentro da área em que tenho trabalhado. Isto, especificamente, diz respeito à semântica formal e eu gostaria de ligar isso com os meus interesses literários (da poética, da narrativa). Gostaria de ligar isso, também, com a sua filosofia humanística mais geral, visto que não consigo separar, por exemplo, coisas de poesia, de ficção e música de um profundo sentimento de seriedade e de mistério e um fundo de emoção que há nisto que é a nossa vida».

Personalidades - Óscar Lopes
A homenagem

11/1

Dia	
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

JAN.	FEV.	MAR.	ABR.	MAI.	JUN.	JUL.	AGO.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.
------	------	------	------	-------------	------	------	------	------	------	------	------

nós próprios termos «uma ideia nova acerca daquilo que somos como seres humanos, porque aquilo que nós somos está em grande parte nestas possibilidades, nestes recursos linguísticos

blemas políticos, os problemas sociais...

«Eu acho que a realidade é complexa e contraditória — comenta Oscar Lopes — mas há uma palavra que eu preso muito e que é carácter. Considero o Homem um ente que tende a ter carácter e o carácter significa o esforço que ele faz pela resolução possível das contradições. Nem todas as contradições, nem todos os conflitos são resolúveis, mas nós temos personalidade na medida em que fazemos um esforço de integração entre solicitações as mais diversas».

para que se produzam resultados melhores, é porque a gente acredita na possibilidade de melhorar. Eu acredito na possibilidade de um progresso indefinido tal como os românticos acreditavam, o Vitor Hugo, o Garrett, os nossos liberais e os socialistas utópicos do século passado e também como acreditavam os nossos republicanos e como nós, os marxistas, acreditávamos nos anos 30».

A acumulação dos riscos acompanha a acumulação das possibilidades para Oscar Lopes, que declara o progresso não como a resolução definitiva dos problemas, antes a passagem de um nível para outro de nível superior, mais complexo, difícil e ariscado de problemas. Conclui:

«A minha visão optimista do progresso está relacionada com uma visão trágica da existência individual. Estamos condenados ao envelhecimento, à doença, à morte, ao esquecimento. Sabemos que isto é inevitável e todas as religiões o sabem. Aliás, a grande força das religiões baseia-se nisso mesmo. Ora, há pessoas que acreditam que a sua religião, se ser religiosa é acreditar na tragédia da vida individual, apesar de tudo, se poder manter a convicção de que vale a pena viver, de que a vida tem mesmo um sentido através da tragédia individual, então, nesse sentido, não me repugna dizer que sou religioso, mas apenas nesse sentido preciso. E acho que neste sentido preciso todos os homens de boa vontade se podem entender».

PR NA HOMENAGEM

O presidente da República, Mário Soares, estará presente, às 18 horas, na homenagem a Oscar Lopes na Faculdade de Letras do Porto. Eduardo Lourenço deslocar-se-á também de França para intervir na sessão onde falarão também Arnaldo Saraiva e Carlos Reis, das faculdades de Letras do Porto e Coimbra, respectivamente.

que permitem não apenas a comunicação interpessoal mas também uma maneira de analisar o mundo em que estamos».

O autor de «Ler e depois» assinala que a Linguística está em «crise» de desenvolvimento desde os anos 30 e refere-se com destaque às próximas reedições refundidas de «Lições de Linguística Matemática» e da «Gramática simbólica do Português», obras a publicar pela Gulbenkian ainda este ano e que ele gostaria de «apresentar por forma que fosse motivante para o estudante universitário e para outros estudiosos». Isto porque...

Oscar Lopes confessa-se em luta contra uma certa «esquizofrenia mental», isto é, como ele próprio exprime, «a esquizofrenia dos conhecimentos», que consiste em distribuir tudo o que se sabe por «serviços», que o sujeito abre e fecha sucessivamente, de modo que se abre uma gaveta e trata-se de poesia ou de música, puxa-se outra gaveta e tratamos de semântica, depois vêm os pro-

• O progresso como fundamento da ética

O catedrático de Linguística encara o progresso como o fundamento da ética, pois não será exequível qualquer ética que não se apoie numa crença no progresso. E concretiza o seu optimismo:

«Acredito que a vida tem um sentido. Eu não sei qual ele é, mas acho que uma das coisas mais interessantes da vida humana é precisamente a intuição de que a vida tem um sentido moral e estético que estamos a descobrir individual e socialmente ao longo da História. E ao longo da História é que a gente vai descobrindo para que é que vive».

Este homem, que fala para o IN ao lado de um piano, acredita mesmo «no progresso, não como coisa inevitável mas como uma coisa que se impõe até dos pontos de vista moral e estético». Acrescenta: «Se a gente age

motivos políticos, sendo julgado e absolvido em Tribunal Plenário. Os seus livros foram então apreendidos pela polícia política e chegou a ser-lhe proibido publicar textos na imprensa.

A obra de Oscar Lopes inclui ainda a participação em numerosos júris de prémios literários, tendo merecido diversos prémios e homenagens. Assim, o «Prémio Rodrigues Sampaio», atribuído pela Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto em 1967, distinguindo-o pela crítica literária que manteve na imprensa entre 1951 e 1967. O «Prémio Jacinto Prado Coelho», da Associação Internacional de Críticos Literários, atribuído pela primeira vez para consagrar a obra de um ensaísta português, distin-

cuja profundidade, inovação e rigor constituem um valioso e invalioso património da cultura portuguesa».

Igualmente, Oscar Lopes recebeu a Medalha de Honra da Cidade do Porto, por deliberação unânime, pela «alta figura de cidadão e de democrata, resistente antifascista, que consagrou a sua vida à defesa dos ideais de liberdade, de democracia e de paz (...) autor de obra valiosa que constitui e constituirá, referência obrigatória de todos quantos estudam a história da literatura, a linguística e muitas outras áreas da cultura do nosso país».

Entretanto, uma homenagem muito expressiva e de relevo verdadeiramente nacional foi prestada a Oscar Lopes em

24 de Abril passado, mas passou singularmente despercebida dos órgãos de comunicação social.

Um voto de louvor ao intelectual português, subscrito por todas as bancadas parlamentares, foi aprovado por (rara) unanimidade na Assembleia da República naquela dia.

Oscar Luso de Freitas Lopes, de seu nome completo, nasceu em Leça da Palmeira, Matosinhos, em 2 de Outubro de 1917. Foi vice-reitor da Universidade do Porto em 1974/75, director da Faculdade de Letras e presidente do Conselho Directivo na mesma época e presidente do Conselho Pedagógico em 1980/81, sempre naquela Faculdade portuense.

Oscar Lopes, que dia 2 de Outubro completa 70 anos de idade, entrando em aposentação, realizou já uma obra vastíssima que escapa a qualquer esforço de síntese.

Abundante e multimoda, para além de imbuída de um inegável rigor, essa obra desenvolveu-se sobretudo a partir de 1940, data em que publicou o primeiro livro, em co-autoria, as «Lições elementares de literatura portuguesa». Corporizou-se nomeadamente em mais de duas dúzias de livros, entre os quais figura a «História da literatura portuguesa» (1955), que escreveu também em co-autoria e vai agora na 14.ª edição, atingindo cerca de 300 mil exemplares.

Os livros de Oscar Lopes versam prin-

cipalmente a crítica, o ensaio e a história da literatura, com um lugar especial para os estudos de linguística. Mas também existe uma quantidade enorme de estudos dispersos por publicações variadas, produzidos para conferências, encontros e congressos nacionais e internacionais, prefácios, obras em co-autoria e comunicações diversas, para além de livros de viagens e até uma tradução.

Recorde-se que o autor participou desde 1965 em centenas de colóquios e conferências em associações, liceus, clubes, etc., numa permanente e animada participação cultural sob condições adversas. Afastado da função lectiva oficial entre Fevereiro de 1955 e Junho de 1957, Oscar Lopes sofreu prisão duas vezes por

guia em 1964 o seu livro «Album de família».

Em 1973, o jornal «A Opinião», do Porto, foi impedido pelo regime de promover a Oscar Lopes uma homenagem nacional. Outra homenagem, realizada num restaurante na Aguda, V. N. de Gaia, reuniu «cerca de 250 pessoas, tendo havido mais de 20 oradores», segundo um relatório da PIDE de 22/4/74.

Em 1985, a Seiva Triupe atribuiu-lhe um prémio pelo seu contributo pelo progresso, a dignificação e o prestígio de artes, letras e ciências da cidade do Porto. Por outro lado, já no ano em curso, foi atribuída a Medalha Cidade de Matosinhos «a ímpar personalidade de cidadão e democrata e a toda e vastíssima obra,

113

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Personalidades - Oscar Lopes - Homenagens

